

O monstro e o duende

Saint-Pol-Roux, o Magnífico

tradução de **Camilo Prado**

A Jules Huret.

Nesta noite, com a crista da presunção na frente, eu deixo meu vilarejo de Provença com o objetivo de cavar vastos destinos, Paris!

— “De carro!”

Últimas carícias, espirros e tosses das portas que fechamos, trilo de apito, som de sino, barritos de freio, ladrido de barras giratórias, jogos de pupilas dos discos, sinais de barreira, — e nossa máquina põe os pulmões para fora na catástrofe regradada do vapor, impondo à sua caravana de vagões a trajetória de um obus gigantesco.

As pessoas de meu compartimento, à procura de instalação, agitam-se à maneira de um punhado de vidros em um caleidoscópio: de fora nós devemos formar uma sucessão de quadros bizarros; pelo olho do padre que retorna para sua residência, figuramo-nos talvez, sob a ginga da lâmpada e pelos nossos movimentos, ora um castelo de lenda, ora uma cena de dervixes girando, ora um pugilismo de fantasmas...

Insensivelmente a agitada perturbação dos viajantes se inverte em quietude, pois é um hábito da desordem como da dor.

As valises arrumadas, os acentos ocupados, enfim tacitamente se conta: um velhote, quatro senhores, um eclesiástico, uma elegante senhora de meia-idade com rosto de porcelana rachada, o adolescente que sou. Os primeiros olhares se cruzam como agulhas que tricotam às pressas uma invisível bandeira de aliança para a duração da viagem.

Passado o subúrbio de Marselha, uma frase a propósito de uma laranja que se partilha convida outras frases; ora, todos os meus vizinhos já conhecendo Paris é inevitável uma espécie de pedestal de palavras sobre a qual reina, como motivo único, a cidade universal, mas um pedestal de espinhos, tanto são agudas as palavras, ao qual amotinados gritos de ódio gostariam muito de atear fogo; sim, todos, exceto a senhora, todos denigrem Paris num súbito arrebatamento, — e a flor de minha ingenuidade se abre como um enorme ouvido assombrado.

Descobrem logo meu caso de jovem em primeira viagem.

No mesmo instante me assaltam repreendas e zombarias.

O que está na minha frente, com porte de negociante, gane:

— “Pobre pequeno!”

O eclesiástico opina:

— “Vós teríeis feito melhor ficando próximo da senhora sua mãe!”

Somente a outonal senhora de maquilagem primaveril enfeita o canto de sua boca com um sorriso, silenciosa.

E os outros se aferram mais e mais sobre a cidade maldita que, para uma tradução compreensível, eles simbolizam sob as formas de um monstro, e eu assisto por assim dizer a criação gradual de um animal horrível do qual surgem as garras, depois as patas, depois os caninos, depois a goela, depois o ventre, depois o rabo de ferrão triplo.

— “Ah! se tu soubesses, rapaz, descerias na próxima estação!”

Finalmente, na alucinação geral, o espantalho está ali, tarasca materializada, ocupando o compartimento de uma janela à outra, cuspidando veneno, soltando fogo.

Mostrando-lhe o punho, espumando os homens gritam:

— “Ele me infectou!”

— “Ele me desonrou!”

— “Ele me esvaziou o cérebro!”

— “Ele me arruinou!”

— “Ele matou todos os meus garotos!”

— “Ele devorou todas as minhas filhas!”

Em seguida em coro:

— “Desgraçada de ti, Babilônia moderna, desgraçada de ti, desgraçada!”

Eu ofego, com as pupilas maiores do que nozes.

— “E vós, Senhora?” perguntei à única viajante.

Acariciando com a mão o rabo do monstro, ela responde com uma voz de mel:

— “Oh! eu, sabeis, tem me fornecido cem mil francos em rendas!”

A estas inesperadas palavras meu riso explode, tão vivo que, partindo em flecha, crava na fantástica bexiga e percebo apenas pessoas arriadas sobre as almofadas, desejosas de sono, puxando a meio-corpo seus cobertores de viagem, os quais, tigrados ou de colorido estranho, parecem-me talhos na pele do monstro desmaiado.

Antes de fechar os olhos, o velhote:

— “Jovem, o que irás fazer em Paris?”

— “Colocar diamantes.”

— “E levas aí com vós?” precipita-se a senhora.

— “Não e sim, Senhora, eles estão aqui... na minha cabeça.”

A assembléia então se contorce, e os ventres sacodem os cobertores com ironias vagas.

— “Algum *inocente* de província!” deve pensar cada um.

A senhora e os senhores, todos dormem; eu velo.

O monstro e os anátemas voltam a me martelar o espírito, eu sacudo os ombros por trás de minha muralha de certeza absoluta e, como por uma seteira, lanço a cada adormecido uma zombaria.

— “Eu pelo menos não serei vencido!” tenho desejo de declarar.

Agasalhando-me, preparo-me para ronronar sonhos do porvir.

Ora, acontece que pela luz filtrada pela cortina da lâmpada, de repente, realiza-se um mistério.

Um mistério!

Enquanto todos os meus vizinhos adormecem — exceto o pião da Alemanha de seus narizes e o delicado teclado da ainda sorridente, nada mais parece viver — um ser de uma intensidade de vida decuplicado pelo contraste das paralisias ao lado, um ser exteriorizado de minha pessoa, em verdade eu vos digo, um ser que, harmonioso, vem em graças miúdas de estatueta desabrochar precisamente ali onde se avolumava antes o monstro.

— “Minha soma de energias fermentou tão tenazmente desde a hora solene e decisiva da partida que acabei por germinar e evadir-me de ti em direção ao domínio das formas (expressa-me a querida aparição); eu sou a crença em teu destino, quer dizer, em ti, chamo-me tua Fé!”

Proferido isso, o duende, com ares de conquistador, salta sobre os joelhos dos adormecidos, escala os braços e ombros, de um puxa a orelha, de outro a barbicha, daquele ali o nariz, daquela lá os cabelos, do velhote deixa os óculos prestes a cair, enfim, sobe tamborilando sobre a careca fresca do abade, enquanto eu ouço o esperto em timbre de inseto chamar um e outro de idiota e covarde.

Logo pula sobre os seios da adormecida de sorriso fixo, da qual ele avalia os dentes, observando, indiscretamente, que a maior parte deles têm camadas de ouro.

Não fosse o gesto leve de espantar uma mosca acionado por um adormecido, nada revelaria a presença oculta.

Concluída sua ginástica, o duende se apressa em direção aos meus braços como um bebê rosado de energia e se põe a criticar os adormecidos: analisa sua covardia, enumera as múltiplas razões de seu fracasso, designa-me os nervos moles de seu desejo e as folhas mortas de sua vontade.

Segue-se um verdadeiro curso de filosofia prática ornamentado com fogos de artifício de nomes famosos.

— “Age como os heróis, não como esses homens”, conclui sublinhando os últimos com um gesto de desprezo.

Minha surpresa é enorme ao ouvir ainda:

— “Mesmo assim desconfia do monstro!”

— “Peuh! eu o atravessei com um jato de riso.”

— “E, poeta, desculpa, seus avatares são inumeráveis!”

E seu olho de boneca pisca malignamente em direção à senhora de gengivas ricas.

O sagaz vai me revelar ainda muitos segredos quando um espirro do eclesiástico faz com que entre subitamente em mim mesmo.

Até Paris ouço a *voz interior*.

Ó, entre tantas outras, esta frase:

— “Eu sou em ti um átomo de Deus. Acima de tudo nunca me perca se queres triunfar. Através de mim tu edificarás uma obra de vida e servirás a humanidade. Guarda, ah! guarda selvagememente tua Fé!”

Porém, no decorrer da viagem me parece que, luminosos na semi-escuridão, os dentes da enigmática adormecida procuram roer minha provisão de esperança.

Saint-Pol-Roux, o Magnífico (1861-1940), nasceu em Marselha, sul da França. Ligado à estética decadente-simbolista, foi um dos mais criativos dentre os escritores da virada do século XIX-XX. Aproxima-se de autores como Alfred Jarry, Alphonse Allais e Charles Cros pelo estilo anárquico de sua escrita, mas sua tendência ao esoterismo o levou a criar uma das obras mais originais do período, tanto na prosa quanto na poesia e teatro, tornando-o um dos mais legítimos precursores do surrealismo. No entanto, mesmo sendo elogiado por autores como Jules Huret, Remy de Gourmont, Louis Aragon e André Breton (este último foi um dos que mais esforços fez em prol de seu nome),

Saint-Pol-Roux hoje é tão desconhecido na França quanto aqui no Brasil. Seu desdém por Paris e seus críticos, sua consciente escolha em ser um escritor marginal parece que permaneceu intimamente ligada a sua obra, hoje conhecida e cultuada apenas por um pequeno número de eruditos.

Título original: *Le monstre e le lutin*, do livro *Les reposoirs de la procession I - La rose et les épines du chemin* (1901).

Camilo Prado é autor de *Uma Velha Casa Submarina* (2005), *Pulcritude* (2006), *Ermo* (2012), além de alguns textos esparsos publicados em revistas de literatura e filosofia. Em tradução: *A cidade adormecida e outros contos fantásticos* de Marcel Schwob, *Flores fúnebres e outros contos cruéis* de Villiers de L'isle-Adam, *O amigo dos espelhos* de Georges Rodenbach, e, entre outras, a inédita antologia de *Contos decadentes franceses*, da qual faz parte o conto “O monstro e o duende”.